

## Ciências brasileiras da linguagem: as teorias do discurso<sup>1</sup>

Por Roberto Leiser Baronas (UFSCAr/UFMT-CNPq)

Em instigante artigo, cujo título é *Uma teoria brasileira do idioma*, publicado na Edição 78 da Revista Língua Portuguesa<sup>2</sup>, em abril último, os professores Marcelo Módulo e Henrique Braga falam sobre algumas das teorias linguísticas desenvolvidas por pesquisadores brasileiros em nossa geografia nos últimos anos. Destacam por exemplo como “propostas já estruturadas em terras brasílicas a *Gramática construtural da língua portuguesa*, de Back e Mattos (1972)<sup>3</sup>, a *Sociolinguística paramétrica* de Kato e Tarallo (1989)<sup>4</sup>, a *Semântica de contextos e cenários* de Ferrarezi Jr. (2010)<sup>5</sup> e a *Abordagem multissistêmica* de Ataliba Teixeira de Castilho<sup>6</sup>”.

A discussão de Módulo e Braga se dá mais detidamente numa rápida apresentação da teoria proposta por Castilho. Para os autores, Ataliba, alicerçado epistemologicamente numa base sociocognitivista e compreendendo a língua como um fenômeno complexo e dinâmico, “acredita ser possível analisar os traços lexicais, semânticos, discursivos e gramaticais de uma palavra ou construção, mesmo que “em estado de dicionário”. Assim, para o autor haveria um dispositivo central, de base sociocognitiva, que ativaria, desativaria e reativaria os traços linguísticos de uma palavra ou construção em cada um desses sistemas, de acordo com as necessidades linguísticas do falante. Segundo esse ponto de vista, nossa mente operaria num modo simultâneo sobre o conjunto dos processos e dos produtos recolhidos nesses subsistemas”.

---

<sup>1</sup> O presente artigo se constitui numa singela homenagem *in memoriam* à Profa. Rosa Virgínia Matos por ter nos mostrado ao longo de toda a sua vida que apesar de todos os contratempos é possível fazer linguística brasileira de muita qualidade.

<sup>2</sup> Este artigo está disponível gratuitamente na internet em <http://revistalingua.uol.com.br/textos/78/artigo255300-1.asp>

<sup>3</sup> Uma rica discussão sobre a Gramática Construtural, proposta por Back e Mattos pode ser vista no artigo “Aceitar ou negar as propostas da Gramática Construtural: uma interpretação historiográfica e sociológica de um período da gramática brasileira” de Ronaldo de Oliveira Batista, acessível [http://www.abralin.org/abralin11\\_cdrom/artigos/Ronaldo\\_Batista.PDF](http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Ronaldo_Batista.PDF)

<sup>4</sup> Uma apresentação detalhada dos postulados elaborados por Tarallo & Kato sobre a sociolinguística paramétrica podem ser vistos nos artigos de Tarallo, F. “Por uma Sociolinguística Romanica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe”. *Ensaios de Lingüística* 13: 51-84. E Tarallo, F. & Kato, Mary A. (1989). “Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística”. In *Preedição* 5:315-353. Campinas, Unicamp.

<sup>5</sup> Uma apresentação da proposta formulada por Ferrarezi Jr. pode ser vista no livro “Introdução à semântica de contextos e cenários, publicado pela Editora Mercado de Letras em 2010.

<sup>6</sup> A abordagem multissistêmica proposta por Ataliba de Castilho pode ser vista em “Nova Gramática do Português Brasileiro”, publicada pela Editora Contexto em 2011.

Para mostrar alguns dos problemas que a teoria de Castilho tenta elucidar, os autores mobilizam o item lexical “contra”. Quais traços semânticos esse vocábulo pode comportar? Como esses traços foram agrupados (lexicalizados) nessa palavra? Qual o comportamento desse termo na estrutura sintática de uma frase? Como os falantes usam essa palavra na interação com outros indivíduos? Uma análise multissistêmica pressupõe essa multiplicidade de questões sobre um mesmo fenômeno lingüístico”.

Dada a pertinência e o potencial heurístico do artigo de Módulo e Braga para o debate sobre a história da Linguística do/no Brasil, gostaríamos de ampliar tal discussão, defendendo a idéia de que há no Brasil não só teorias do idioma, que têm centralmente o português brasileiro como objeto de estudo, enfatizando os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, como propõem os autores citados, mas que há também, por um lado, teorias das línguas faladas no Brasil<sup>7</sup> e, por outro, há também teorias brasileiras do discurso.

Para defender tal ponto de vista, enunciarei aqui num primeiro momento, pelo menos quatro destas teorias do discurso, num segundo momento, me deterei de forma não exaustiva, por conta mesmo do exíguo espaço, sobre duas delas, e, num terceiro momento, sugiro a leitura de alguns trabalhos que realizaram belas “aplicações” das teorias propostas. A discussão sobre as teorias das línguas faladas no Brasil fica para um próximo encontro.

As teorias e seus respectivos autores que elencarei a seguir estão inscritas nos mais variados domínios dos estudos do discurso, isto é, elas não estão circunscritas somente aos domínios derivados da Análise de Discurso de orientação francesa, por exemplo. Elas vão de uma semiótica da canção a uma teoria dos estereótipos. Cumpre dizer que apesar de essas teorias terem o discurso como objeto de observação, cada uma delas constrói o seu objeto teórico de maneira bem diferente.

Nesse sentido, temos como teorias do discurso forjadas em cadinho verde e amarelo, a Semiótica da Canção, proposta por Luiz Tatit; a Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães<sup>8</sup>; a Teoria dos Estereótipos Básicos e dos Estereótipos Opostos, proposta por Sírio Possenti; e a Análise do Discurso

---

<sup>7</sup> Segundo Gilvan Müller de Oliveira (2000) “no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*)”.

<sup>8</sup> Uma apresentação detalhada das reflexões propostas por Guimarães pode ser vista no livro “Semântica do acontecimento”, publicado pela Pontes Editores em 2005.

Materialista, proposta por Eni Orlandi<sup>9</sup>. Todas essas teorias, embora tenham conversado, algumas mais, outras menos *antropofolemicamente*, com teorias desenvolvidas, sobretudo, na França do final dos anos 60 e 70 do século passado, possuem traços epistemológicos que são bem brasileiros. No nosso entendimento não se trata simplesmente de expansões para dar conta de dados específicos, ou de meras resoluções quebra-cabeças, para usar a terminologia khunniana, são programas de pesquisa no sentido atribuído a esta metodologia por Lakatos<sup>10</sup>.

Começo pela Semiótica da Canção<sup>11</sup>, proposta pelo pesquisador da USP, Luiz Tatit, nos anos 90 do século passado. Esta teoria se constitui a partir da elaboração de todo um arcabouço conceitual para um estudo sistemático da canção brasileira com base no encontro da melodia com a letra. A teoria da Semiótica da Canção propõe uma análise isotópica dos elementos do plano do conteúdo e do plano da expressão, desta forma, diferentemente de outras posturas teóricas, melodia e letra são tomadas por Tatit como elementos de estruturas equivalentes. Luiz Tatit ao relacionar os aspectos do plano da expressão com os do plano do conteúdo, constata que as canções brasileiras podem ser inscritas em três grandes tipologias: *tematizadas*; *passionalizadas* e *figurativizadas*. Nas canções *tematizadas*, o pesquisador observou que o conteúdo das letras está relacionado, na maioria dos casos, a estados em que existe uma conjunção entre “sujeito” e “objeto”. Nesses casos, o sentido das letras está ligado a momentos de euforia e de satisfação com a vida. *Deixa a vida me levar* de Zeca Pagodinho seria um bom exemplo de uma canção *tematizada*. Nas canções *passionalizadas*, as melodias, diferentemente das *passionalizadas*, produzem estados de disjunção entre “sujeito” e “objeto”. O autor da teoria da canção nos mostra que a *passionalização* é o tempo de espera ou de lembrança. Tempo esse que permite que o sujeito reflita sobre os seus sentimentos de falta e viver a tensão da circunstância que o coloca em disjunção imediata com seu objeto em conjunção à distância com o valor do objeto. *Retalhos de cetim* de Benito di Paula, seria um exemplo bastante ilustrativo dessa *passionalização*. Nas canções *figurativizadas*, o que se observa é a tentativa do sujeito de chamar atenção para o conteúdo de sua fala. Assim, é possível observar que os elementos prosódicos sobrepõem-se aos elementos melódicos.

---

<sup>9</sup> Uma apresentação detalhada das propostas formuladas por Eni Orlandi pode ser vista no livro “Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos”, publicado pela Pontes Editores em 2004.

<sup>10</sup> No entendimento de Imre Lakatos (1979) um programa de pesquisa constitui-se de um núcleo firme - um conjunto de hipóteses ou teorias, considerado como irrefutável pelos cientistas - e de uma heurística, que mobiliza os cientistas a modificar o cinturão protetor - conjunto de hipóteses auxiliares e métodos observacionais de modo a adequar o programa diante de novos dados.

<sup>11</sup> Uma explicitação detalhada da teoria proposta por Tatit pode ser encontrada no livro de sua autoria *Semiótica da canção: melodia e letra*, 3 ed. São Paulo, SP: Escuta, 2007.

Um bom exemplo desse tipo de canção *figurativizada* é *Alegria, alegria* de Caetano Veloso. É importante ressaltar que estas classificações correspondem a situações específicas, mas geralmente estas tipologias se mesclam e todas elas podem estar presentes numa mesma canção. O que há, de fato, é a predominância de um dos aspectos na construção de uma música. Um bom exemplo da operacionalidade desta teoria para tratar do discurso musical, entendido enquanto a junção entre letra e melodia - pode ser observado no texto de A. Werney *Articulação em entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de Retrato em Preto e Branco*<sup>12</sup>.

Continuo tal apresentação falando da Teoria dos Estereótipos Básicos e dos Opostos, proposta pelo pesquisador da UNICAMP, Sírio Possenti<sup>13</sup> em 2010. Para dar conta de sua empreitada teórica, Possenti mobiliza como corpus piadas que tematizam os mais diversos estereótipos. Segundo Possenti, as piadas sobre os mais variados grupos humanos funcionam em relação à estereotipia, baseando-se em um traço que é assumido por uma pessoa ou por um grupo social (o estereótipo básico) para colocarem em circulação o seu oposto mais rebaixado possível (o estereótipo oposto ou simulacro). O autor mobiliza como corpus as piadas de gaúcho. Nesse tipo de piada o que se coloca em questão é o estereótipo básico, isto é, a gauchice: conjunto de valores que constituem positivamente o imaginário do gaúcho (ser hospitaleiro, livre, despachado, valente, pouco refinado, come churrasco, toma chimarrão e, sobretudo, é macho e faz alarde de sua macheza). Embora sejam essas características que servem de material para o discurso humorístico, é principalmente o traço da macheza do gaúcho que serve de mote às piadas – o estereótipo básico. Ou seja, é com base nesse traço ou no seu oposto mais rebaixado possível que as piadas representam os gaúchos: “ele não será franzino ou medroso, ou outras tantas formas opostas à macheza, mas homossexual passivo”. Assim, no tocante às piadas de gaúcho o estereótipo básico envolvido é a do gaúcho macho e, o estereótipo oposto, do gaúcho homossexual passivo. Interessante observar que um dos traços mais valorizados pelos gaúchos, justamente o orgulho de ser gaúcho, de honrar a sua tradição, não é questionado pelas piadas. Um belo exemplo da operacionalidade desta teoria para dar conta do discurso humorístico, sobretudo de piadas, é a “aplicação” realizada tanto por Fernanda Góes de Oliveira Ávila em sua dissertação de mestrado “Os estereótipos nas piadas de Joãozinho”, defendida no IEL da

---

<sup>12</sup> Texto publicado em Revista **dEsEnrEdoS** - ano I - número 2 - Teresina - Piauí – setembro/outubro de 2009.

<sup>13</sup> Uma apresentação detalhada da teoria de Possenti pode ser lida no livro “Humor, língua e discurso”. São Paulo, Contexto, 2010.

UNICAMP em julho último, quanto a realizada por Gisele Franchi sobre as piadas de loira.

À guisa de conclusão creio ser importante (re)dizer que assim como as teorias das línguas bráslicas não se resumem aos importantes trabalhos de Back e Mattos (1972); Kato e Tarallo (1989); Ferrarezi (2010) e Castilho (2010), pois também poderíamos elencar, os trabalhos de Heitor Megale<sup>14</sup> e Rosa Virgínia Matos<sup>15</sup> sobre o português diacrônico, os de Aryon Rodrigues<sup>16</sup> sobre as línguas indígenas brasileiras, os de Maria Helena Moura Neves<sup>17</sup> sobre a gramática de usos do português, os de Francisco da Silva Borba<sup>18</sup> sobre o dicionário de usos do português, as teorias sobre discurso não se resumem aos autores mencionados. Nesse sentido, vale mencionar os trabalhos de Beth Brait<sup>19</sup> sobre a verbo-visualidade; os de José Luíz Fiorin<sup>20</sup> acerca do discurso literário; os de Diana Barros<sup>21</sup> sobre o discurso da intolerância; os de Ida Lúcia Machado<sup>22</sup> sobre as emoções e os de Izabel Magalhães<sup>23</sup> sobre as relações entre discurso e poder.

---

<sup>14</sup> No livro co-organizado com Sílvio Almeida de Toledo Neto “Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII”, publicado pela Ateliê Editorial em 2005, pode-se encontrar uma representação metonímica das propostas teóricas desenvolvidas por Megale.

<sup>15</sup> Em “Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro”, publicado pela Parábola Editorial em 2004, pode-se encontrar uma bela apresentação da teoria proposta por Rosa Virgínia Matos.

<sup>16</sup> Trabalhos representativos deste importante linguista brasileiro podem ser lidos gratuitamente no site <http://biblio.etnolinguistica.org/colecao:aryon>

<sup>17</sup> Uma apresentação detalhada da teoria proposta por Moura Neves pode ser encontrada no livro “Gramática de usos do português”, São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

<sup>18</sup> As propostas teóricas de Borba podem ser vistas no livro. “Dicionário de usos do português do Brasil”. São Paulo: Ática, 2002.

<sup>19</sup> Um bom exemplo da teoria proposta por Brait pode ser vista no livro “Ironia em perspectiva polifônica”. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>20</sup> As discussões elaboradas do Fiorin acerca do discurso literário podem ser vistas no livro “As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo”, publicado pela editora Ática em sua primeira edição em 1999.

<sup>21</sup> As reflexões propostas por Diana Barros sobre o discurso da intolerância podem ser vistas em “O discurso intolerante: primeiras reflexões”. São Paulo (texto digitado), 2005.

<sup>22</sup> Um dos trabalhos de Ida Lúcia Machado pode ser visto no livro “As emoções no discurso”, publicado em 2010 pela Editora Mercado de Letras.

<sup>23</sup> Uma representação metonímica dos trabalhos desenvolvidos por Izabel Magalhães pode ser vista em Teoria crítica do discurso e texto. *Linguagem em (Dis)curso*, 4, 2004. Disponível em: <http://www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/05.htm>